

E. P. THOMPSON, HISTORIOGRAFIA E ENSINO-APRENDIZAGEM DE HISTÓRIA: O AUTOR COMO PROFESSOR E O PROFESSOR COMO AUTOR

Matheus Targueta¹

Resumo: Este artigo analisa as afinidades existentes entre a produção historiográfica de Edward Palmer Thompson nos anos 1950 e 1960 e a prática pedagógica do autor em turmas voltadas para a educação de jovens e adultos trabalhadores durante o mesmo período. Para tal, mobiliza-se a abordagem proposta por Ilmar Rohloff de Mattos acerca do processo de ensino e aprendizagem de História, que compreende historiadores e professores de História como autores de conhecimento histórico, rechaçando a oposição que se costuma atribuir entre ambas as ocupações.

Palavras-chave: Edward Palmer Thompson; Historiografia; Ensino de História.

E. P. THOMPSON, HISTORIOGRAPHY AND HISTORY TEACHING & LEARNING: THE AUTHOR AS A TEACHER AND THE TEACHER AS AN AUTHOR

Abstract: This article examines the affinities between Edward Palmer Thompson's historiographical production in the 1950s and 1960s and his pedagogical practice in classes aimed at educating working youth and adults during the same period. To this end, it draws on the approach proposed by Ilmar Rohloff de Mattos regarding the process of teaching and learning History, which views historians and History teachers as authors of historical knowledge, rejecting the opposition often attributed to these two professions.

keywords: Edward Palmer Thompson; Historiography; History Teaching.

A formação de E. P. Thompson

Encerrar a carreira da maneira como Edward Palmer Thompson encerrou é proeza para poucos historiadores. De sorte que mesmo essa aproximação inicial, que o identifica unicamente como historiador, parece

¹ Matheus Targueta é Licenciado em História Pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio), Professor de História da rede privada de ensino na cidade de Niterói (RJ), Assistente Editorial e Tradutor (inglês-português) para a Zazie Edições. Lattes: <https://lattes.cnpq.br/1604858585140447>. Email: targueta.matheuslima@gmail.com.

ser problemática, porque insuficiente e limitada. Ainda que esse título expresse adequadamente a principal atividade que animou e estimulou sua produção, ele exprime apenas uma faceta marcante dentre tantas outras que também lhe eram caras, como, por exemplo: professor de jovens e adultos trabalhadores; cidadão de esquerda politicamente engajado; intelectual marxista autônomo e avesso a ortodoxias; ativo pacifista contra o extermínio nuclear; entusiasta dos movimentos de libertação neocolonial; e homem de letras apaixonado por literatura e poesia. Possivelmente, a lista poderia ir ainda mais longe se aqui decidíssemos abarcar aquelas virtudes próprias do domínio privado, privilégio dos amigos, da família e dos colaboradores mais próximos².

Sejam quais forem os elementos que elencarmos para recontar esta biografia, ao final, a percepção de que se trata de um autor comprometido em manter íntima coesão entre suas práticas pessoais, profissionais, políticas e ideológicas permanece clara e evidente. Não é fortuito que seu amigo e colega historiador canadense Bryan Palmer tenha publicado um longo ensaio póstumo em que inicia sua homenagem ao precursor da “história vista de baixo”³ afirmando: “Ele nos deixou [...] um legado duradouro, seu exemplo”⁴. Com efeito, trata-se de uma admirável trajetória intelectual, capaz de inspirar estudiosos das ciências sociais e das humanidades, além daqueles empenhados na construção de um mundo mais democrático, igualitário e pacífico.

No entanto, aquela faceta que aqui mais nos interessa, e que provavelmente informava e orientava seus diversos interesses, é aquela que o notabilizou enquanto historiador. Parceiro de longa data, colega de profissão e camarada em mais de uma ocasião, Eric J. Hobsbawm (frequentemente

² A maior parte das informações biográficas sobre E. P. Thompson foram retiradas de: HAMILTON, Scott. *The crisis of theory: E. P. Thompson, the New Left and post war british politics*. Manchester: Manchester University Press, 2011.

³ SHARPE, Jim. A história vista de baixo. In: BURKE, Peter (org.). *A escrita da história*. Tradução de Magda Lopes. São Paulo: Editora UNESP, 1992. p. 39-62.

⁴ “He left us [...] a most enduring legacy, his example” (PALMER, Bryan. Obituary / Nécrologie: Homage to Edward Thompson, part I. *Labour / Le Travail: Journal of Canadian labour studies / Revue d'études ouvrières canadiennes*, Athabasca, v. 32, p. 11-71, 1993. p. 1.

tido como o mais influente historiador do século passado⁵) também se sentiu em dificuldades quando teve de retratar o companheiro: “E. P. Thompson, historiador, socialista, poeta, arrivista, orador, escritor – em seu tempo – da mais fina e polêmica prosa do século XX, provavelmente gostaria de ser lembrado pelo primeiro termo dessa lista”⁶.

Cabe, ainda, sem pretensão de exagerar na dose, acrescentar mais um item. Aliás, não se trata exatamente de adicionar, posto que Thompson não concebia distinção entre ambos. Refiro-me ao termo “professor”. Mais especificamente: tutor de jovens e adultos trabalhadores na região operária do condado de Yorkshire, em cursos de História e Literatura no Departamento de Estudos Extramuros da Universidade de Leeds, dirigido por Sidney G. Raybould⁷. A função de ministrar tais disciplinas, assumida pelo autor aos 24 anos de idade em 1948 (ainda um jovem historiador recém-formado pela Universidade de Cambridge) e mantida ao longo de quase duas décadas (sairá da instituição apenas em 1965), é central para a compreensão dos seus escritos historiográficos, bem como, de forma geral, para a percepção do seu pensamento acerca da história e de sua escrita. Efetivamente, não são poucos os indícios de que a atuação do historiador Thompson era acompanhada conjuntamente do cargo de professor, ora de jovens e adultos trabalhadores⁸, ora — mas por um período sintomaticamente breve

⁵ Segundo Enzo Traverso: “Não cabe dúvidas de que Eric John Hobsbawm é atualmente o historiador mais lido do mundo” (TRAVERSO, Enzo. *O século de Hobsbawm*. Revista Movimento, [s.l.], 2017).

⁶ HOBBSAWN, Eric. E. P. Thompson. In: THOMPSON, Edward Palmer. *As peculiaridades dos ingleses e outros artigos*. Campinas: Editora da UNICAMP, 2003. p. 15.

⁷ De acordo com Peter Searby, John Rule e Robert Malcomson: “O Departamento de Estudos Extra-Muro de Ledds era responsável pela educação de adultos segundo padrões universitários na maior parte do Noth Riding, da região litorânea até Redcar na província de Hull, e compartilhava o West Riding com Sheffield.” / “The Leeds Department of Extra-Mural Studies was responsible for university-level adult education in most of the North Riding, the coastal strip up to Redcar being Hull’s province, and shared the West Riding with Sheffield” (SEARBY, Peter; RULE, John; MALCOMLSON, Robert. Edward Thompson as a teacher: Yorkshire and Warwick. In: RULE, John; MALCOMLSON, Robert (ed.). *Protest and survival: Essays for E. P. Thompson*. Londres: The Merlin Press, 1993. p. 2).

⁸ Ainda na esteira de Peter Searby, John Rule e Robert Malcomson: “O ensino de história social feito por Edward Thompson focava na Inglaterra desde a Revolução Industrial até o século XX, e sua interação com a pesquisa para A Formação da Classe Operária Inglesa é muito evidente.” / “Edward Thompson’s social history teaching focused on Britain from the Industrial Revolution to the twentieth century, and its interaction with the research for The Making of the English Working Class is very evident” (SEARBY, Peter; RULE, John; MALCOMLSON, Robert.

— de universitários. Com efeito, o par historiador e professor compõe um único e mesmo autor, em uma associação que, ao mobilizar a designação de historiador, por exemplo, a atividade do professor permanece implícita, e vice-versa. Sendo assim, a compreensão do conteúdo propriamente historiográfico da obra thompsoniana pode sofrer uma deficiência significativa se o ofício educacional, contemporâneo à redação dos trabalhos, for desconsiderado ou omitido⁹. No Brasil, Marcelo Badaró Mattos insiste nesse ponto há algum tempo:

Em se tratando de um intelectual como E. P. Thompson, uma análise, mesmo que muito sintética, de sua trajetória necessariamente terá que levar em conta a combinação entre produção historiográfica e engajamento militante nas questões de seu tempo. Thompson não concebia intelectuais de esquerda desvinculados de movimentos sociais concretos da classe trabalhadora, ou de movimentos populares de forma ampla.¹⁰

A fim de ilustrar esse ponto, tomemos apenas uma entre tantas outras passagens escritas pelo próprio E. P. Thompson, em *A Formação da Classe Operária Inglesa* (publicada pela primeira vez no ano de 1963), possivelmente sua obra mais emblemática e influente do ponto de vista das proposições teóricas e metodológicas, que o tornou reconhecido internacionalmente¹¹:

Este livro foi redigido em Yorkshire, e vem por vezes tingido pelas fontes de West Riding. Devo meus agradecimentos à Universidade de Leeds e ao professor S. G. Raybould por me permitirem, alguns anos atrás, iniciar a pesquisa que aqui desembocou; [...]. Também aprendi muito com estudantes de minhas turmas, com quem discuti muitos dos temas aqui tratados.¹²

E, de fato, discutiu. Contudo, o recente tratamento dispensado à obra thompsoniana no universo acadêmico brasileiro por vezes parece posicioná-

Edward Thompson as a teacher: Yorkshire and Warwick. In: RULE, John; MALCOMSON, Robert (ed.). *Protest and survival: Essays for E. P. Thompson*. Londres: The Merlin Press, 1993. p. 9).

⁹ PALMER, Bryan. A História enquanto debate: a análise contestadora de "A Formação da Classe Operária Inglesa". *Revista Mundos do Trabalho*, Florianópolis, v. 5, n. 10, p. 13-35, 2013.

¹⁰ MATTOS, Marcelo Badaró. História e projeto social: a origem militante do debate sobre classes e luta de classes em E. P. Thompson. In: COLÓQUIO INTERNACIONAL MARX E ENGELS, 7., 2012, Campinas. Campinas: Unicamp, 2012. p. 1.

¹¹ Eric Hobsbawm afirma que, na década de 1980, segundo a *Arts and Humanities Citations Index*, Thompson foi o historiador contemporâneo mais amplamente citado e um dos 250 autores mais citados de todos os tempos até então. Ver: HOBBSAWM, Eric. Obituary: E. P. Thompson. *The Independent*, [s.l.], 1993.

¹² THOMPSON, Edward Palmer. *A formação da classe operária inglesa*. 8. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2017. v. 1, p. 15.

lo apenas como “mais um entre tantos outros pensadores da cultura”¹³, um historiador dedicado a querelas universitárias de escopo historiográfico, o que parece sugerir um afastamento entre sua prática docente, reflexão teórica e engajamento militante. Por outro lado, a fortuna crítica anglófona tem enfatizado uma leitura mais integrada da obra thompsoniana, desde seus estudos literários em perspectiva histórica, passando pela identificação de sua posição dentro da tradição marxista, até a correlação entre o historiador e o professor tanto nos livros quanto nas salas de aula¹⁴. Graças a esses apontamentos, hoje temos acesso a relatos como o indicado a seguir, em que o historiador e professor britânico expõe abertamente a natureza de seu empenho historiográfico associado à vivência enquanto professor:

A escrita de *A Formação [da Classe Operária Inglesa]* só foi possível porque parte da pesquisa já havia sido feita durante os dez anos anteriores ao longo de meu trabalho como tutor de classes extra-muro em West Riding. As discussões nessas aulas, assim como a atividade política prática de diversos tipos, sem dúvida me dispuseram a enxergar os problemas de organização e consciência política de certa maneira.¹⁵

Dada essa lacuna em nosso conhecimento acerca da obra thompsoniana, proponho remontar a trajetória intelectual do autor até o ano de 1965, quando se retira do cargo de tutor e publica seus três primeiros livros (provavelmente aqueles que mais repercutiram na historiografia especializada), a fim de destacar seus principais pontos teóricos e metodológicos, observando o entrelaçamento com a prática de Thompson enquanto professor. Aqui, lanço mão de trechos selecionados ao longo de algumas publicações, em que o próprio autor explicita o elo com relação à sua atividade professoral; assim como outros trabalhos que têm enfatizado

¹³ MATTOS, Marcelo Badaró. E. P. Thompson no Brasil. *Revista Outubro*, São Paulo, n. 14, p. 83-110, 2006. p. 107.

¹⁴ Por exemplo: HAMILTON, Scott. *The crisis of theory: E. P. Thompson, the New Left and post war british politics*. Manchester: Manchester University Press, 2011.

¹⁵ “The writing of *The Making [of the English Working Class]* was only possible because some part of the research had already been laid down during the previous ten years in the course of my work as a tutor in extramural classes in the West Riding. Discussion in these classes, as well as practical political activity of several kinds, undoubtedly prompted me to see the problems of political consciousness and organisation in certain ways” (GOODWAY, David. E. P. Thompson and the Making of the English Working Class. In: TAYLOR, Richard (ed.). *Beyond the walls: 50 years of adult and continuing education at the University of Leeds, 1946-1996*. Leeds: The University of Leeds, 1996. p. 135).

esta sintonia entre a prática historiográfica de Thompson e sua atuação educacional propriamente dita. Desse fértil encontro promovido pela *práxis* do autor, sugiro que o conceito de experiência, tão caro e tão central em seu pensamento, pode ser operado para compreender a coesão que une o mesmo Thompson a lecionar em uma sala de aula e a redigir uma obra em seu escritório. O objetivo dessa empreitada, certamente mais ousada do que os limites deste texto, reside na tentativa de, por meio do estudo de caso centrado na personagem do historiador e professor inglês, fornecer uma demonstração da tese promovida por Ilmar Rohloff de Mattos de que à aula corresponde um texto historiográfico, e ao texto historiográfico corresponde uma aula; e em ambos os casos, tanto a historiografia quanto o ensino-aprendizagem de história implicam um gesto autoral. Dessa proposta decorre uma superação da usual oposição entre escritores/historiadores e professores/historiadores. Nas palavras de Ilmar R. Mattos: “Professores e escritores de história contam uma história; ao texto escrito corresponde a aula. Ambos são autores; ambos fazem História”¹⁶.

Uma questão de agência e experiência

Para todos os efeitos, Edward Palmer Thompson nasceu para os estudos históricos e literários em 1955, data de publicação do seu primeiro livro: uma longa biografia (com mais de 900 páginas!) dedicada ao socialista e escritor romântico inglês William Morris¹⁷. Todavia, o treinamento acadêmico de E. P. Thompson foi iniciado uma década antes, nos anos 1940, quando ingressou na Universidade de Cambridge, onde frequentou cursos de História e Literatura, os gêneros que mais mobilizaram seus interesses. Desse primeiro momento do percurso intelectual de Thompson, destaca-se uma série de acontecimentos e influências que participaram da sua formação inicial enquanto historiador e acompanharam-no pelas reflexões que desenvolveu ao longo da carreira.

¹⁶ MATTOS, Ilmar Rohloff de. “Mas não somente assim!”: Leitores, autores, aulas como texto e o ensino-aprendizagem de História. *Tempo*, Niterói, v. 11, n. 21, p. 5-16, 2007. p. 7.

¹⁷ THOMPSON, Edward Palmer. *William Morris: Romantic to revolutionary*. London: Lawrence & Wishart, 1955.

Antes de mais nada, há que se mencionar a importância da adesão ao pensamento marxista, não somente enquanto corrente teórica e filosófica fundante do vocabulário específico que orientava suas reflexões, mas também em termos de aplicabilidade prática e filiação partidária antifascista. Essa conversão, digamos, se efetuou de maneira acentuada especialmente quando ingressou na universidade em 1942, porém respondeu a uma atração que já se insinuava alguns anos antes na pessoa de seu irmão mais velho, Frank Thompson. Aliás, Edward Thompson enfatizou repetidas vezes, em entrevistas realizadas anos mais tarde, que o perfil não ortodoxo de sua família lhe legou uma gama de estímulos que orientaram sua disposição a ideais heterodoxos e dissidentes. Filho de pais missionários metodistas, porém vinculados a um estrato não usual dessa linhagem protestante, posto que comungavam em uma corrente liberal e pacifista, isto é, refratária às orientações do então império britânico na dominação da Índia, em que Thompson pai atuava, Edward atribuía ao ambiente familiar os germes de sua formação crítica¹⁸.

Os primeiros anos letivos na Universidade de Cambridge, no entanto, comportaram um período de apaixonada mobilização política por parte de Edward, que ingressou no Partido Comunista da Grã-Bretanha (PCGB) nessa mesma ocasião. O cotidiano universitário, somado à militância partidária, logo culminou na formação de um grupo de debates denominado Marxistas Humanistas, e encaminhou sua indicação para a presidência do Clube dos Estudantes Socialistas. Neste último núcleo, conheceu e se aproximou de colegas que o acompanharam enquanto interlocutores praticamente por toda a vida, além de terem compartilhado as fileiras do Partido Comunista (figuras como Christopher Hill, Eric Hobsbawn, John Saville e Raymond Williams, para nomear alguns).

Contudo, a estadia em Cambridge não tardou a ser interrompida, por conta da guerra que grassava o continente europeu, ceifando milhões de vidas naquela infame década de 1940. De certa forma, a ideia do

¹⁸ PUREZA, Fernando. A história vista desde baixo. *Jacobina*, São Paulo, 28 out. 2020. Disponível em: <https://jacobin.com.br/2020/08/a-historia-vista-desde-baixo/>. Acesso em: 19 dez. 2024.

alistamento militar e combate aos regimes fascistas não se apresentava como uma novidade para Thompson nem para seus camaradas estudantes e/ou militantes, haja vista que o enfrentamento armado era percebido como uma força indispensável pela resistência antifascista¹⁹. Seguindo os passos do irmão Frank, Edward se alistou para o serviço militar e participou de incursões contra o Eixo na Itália e no norte da África, inclusive tendo se tornado comandante de uma tropa de tanques, o que lhe legou memórias expressas em poemas dolorosos acerca das circunstâncias desumanas da guerra²⁰. Não bastasse o sofrimento de vivenciar pessoalmente aquele evento, Frank não dispôs da mesma sorte de Edward, pois fora capturado por um cerco de soldados fascistas búlgaros, que após terem lhe ferido mortalmente, o mantiveram subnutrido em cativeiro, a fim de submeterem-no a um julgamento organizado para sentenciar seu assassinato.

Com o fim da 2ª Guerra Mundial e o consequente retorno à Inglaterra, E. P. Thompson retoma a graduação na Universidade de Cambridge e conclui os estudos em 1947. Os anos que compreendem o regresso de Thompson até 1956 são marcados por uma intensa atividade partidária junto ao PCGB, que vai desde a ocupação de postos institucionais dentro do funcionamento da sigla até a organização de revistas e publicação de materiais panfletários e articulistas. É precisamente nesse momento que conhece a militante e historiadora que se tornará sua esposa e companheira intelectual, Dorothy Towers²¹; e se estabelece com maior organicidade o grupo de historiadores marxistas dentro do Partido Comunista, conhecidos pela alcunha de *New Left*. Afora os assuntos pertinentes ao próprio funcionamento interno do partido, Thompson escreve, também, a respeito das tendências na reflexão teórica marxista e, ainda, sobre assuntos concernentes às dinâmicas internacionais na conjuntura da Guerra Fria.

¹⁹ THOMPSON, Edward Palmer. *E. P. Thompson: panfletário antifascista*. Tradução de João Ernani Furtado Filho. Fortaleza: Plebeu Gabinete de Leitura, 2019.

²⁰ THOMPSON, Edward Palmer. *Collected poems*. Hexham: Bloodaxe Books, 1999.

²¹ CORFIELD, Penelope J. Dorothy Thompson and the Thompsonian Project. In: EIGHTH HISTORICAL MATERIALISM ANNUAL CONFERENCE, 2011, Londres. *Trabalhos apresentados [...]*. Londres: School of African and Oriental Studies, University of London, 2011.

A respeito da chamada *New Left*, convém destacar que apesar do rótulo unitário, o movimento abrangia uma quantidade significativamente diversa de interesses temáticos no campo da reflexão marxista, mesmo que o primeiro grupo desse núcleo tenha sido majoritariamente composto por historiadores²². Ainda que as abordagens empregadas por Christopher Hill, Perry Anderson, Raymond Williams, Dona Torr, Dorothy Thompson, Eric Hobsbawn, John Saville, e do próprio E. P. Thompson, entre outros, possuam os seus contornos característicos peculiares, pode-se dizer que uniam-se em torno de um projeto comum que contestava a hegemonia da história econômica ortodoxa na medida em que procuravam enfatizar dinâmicas culturais protagonizadas por sujeitos sociais subalternos. Aqui, o componente cultural não surge como mera dedução dos arranjos superestruturais do modo de produção, mas é percebido enquanto uma instância de tensão entre o sujeito (individual ou coletivo) e os constrangimentos externos impostos por aqueles que detêm a posição hegemônica, evidenciando a luta de classes como um aspecto central na análise histórica.

O ponto de toda essa discussão teórica promovida tanto pela *New Left* quanto pelo próprio E. P. Thompson reside precisamente na questão da agência dos sujeitos históricos. De certa forma, pode-se dizer que o esforço historiográfico thompsoniano dedica-se a desenvolver formas de análise e narrativa que melhor capturam a não passividade dos atores históricos, principalmente em contextos cuja interpretação desenvolvida pela literatura especializada passava ao largo da experiência daqueles que o vivenciaram.

Em 1948, apenas um ano após a formatura na Universidade de Cambridge, Thompson inscreveu-se no Departamento de Estudos Extramuros da Universidade de Leeds, onde lecionou História e Literatura para os trabalhadores da região operária do condado de Yorkshire. Ao lado das suas diversas frentes de atuação junto ao PCGB, o historiador e professor britânico não somente dava continuidade às suas pesquisas históricas, como também manteve vínculos duradouros com a educação de jovens e adultos

²² SHARPE, Jim. A história vista de baixo. In: BURKE, Peter (org.). *A escrita da história: novas perspectivas*. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1992. p. 39-62.

trabalhadores. A se acreditar naqueles pesquisadores que investigaram a biografia do autor, muitos dos quais acessaram o material didático preservado em seu acervo pessoal e realizaram entrevistas com ex-alunos, é impressionante observar não apenas a simultaneidade das atividades, mas também o nível de coesão e coerência atribuído por Thompson a elas²³. Sobre isso, Peter Searby comenta:

Os estudantes recebiam cópias originais de documentos da pesquisa em andamento (eventualmente, eles parecem ter recebido os próprios textos originais), e eram estimulados a coletar material similar em acervos locais e reuni-los em "cadernos de lembranças".²⁴

Eventualmente, até mesmo a filiação formal ao PCGB seria desfeita por conta do endurecimento das posturas do partido, mesmo diante da divulgação dos relatórios publicados pelo então secretário-geral do Partido Socialista da União Soviética, Nikita Krushev, em 1956, quando os expurgos do regime soviético vieram à tona e a invasão da Hungria scandalizou a comunidade internacional e o próprio Thompson²⁵. No entanto, a permanência enquanto tutor no Departamento de Estudos Extramuros talvez tenha sido a ocupação profissional mais longa de E. P. Thompson, tendo durado quase duas décadas, pois retirou-se formalmente da instituição somente em 1965. Cabe salientar, igualmente, que esses 17 anos enquanto professor compreenderam, também, a escrita e publicação dos dois primeiros livros propriamente historiográficos do autor, além da gestação daquela que veio a ser sua terceira obra, que apesar de ter sido publicada em 1978, reunia reflexões realizadas há anos, quando ainda ocupava o cargo de tutor. É possível que essas três publicações sejam os escritos mais disseminados e

²³ CROFT, Andy. Walthamstow, Little Gidding and Middlesbrough: Edward Thompson the Literature Tutor. In: TAYLOR, Richard (ed.). *Beyond the walls: 50 years of adult and continuing education at the University of Leeds, 1946-1996*. Leeds: The University of Leeds, 1996. p. 144-156.

²⁴ "Students were given copies of original documents from his research in progress (occasionally they seem to have been given the originals themselves), and they were encouraged to collect similar material from local repositories and to compile 'reminiscence books'" (SEARBY, Peter; RULE, John; MALCOMLSON, Robert. Edward Thompson as a teacher: Yorkshire and Warwick. In: RULE, John; MALCOMLSON, Robert (ed.). *Protest and survival: Essays for E. P. Thompson*. Londres: The Merlin Press, 1993. p. 9).

²⁵ THOMPSON, Edward Palmer. Through the smoke of Budapest. *The New Reasoner*, [s.l.], n. 3, 1956.

emblemáticos de E. P. Thompson, e que deles derivam a maior parte da enorme fortuna crítica dedicada ao autor.

O primeiro deles, mencionado anteriormente, *William Morris: Romantic to Revolutionary*, editado em 1955, consistia em uma biografia histórica que se dedicava a analisar a trajetória pessoal do escritor romântico inglês que empresta o nome ao livro. A proposição inicial da obra, de acordo com Thompson, seria menos um projeto estritamente biográfico, na acepção usualmente disseminada do gênero, e mais um estudo acerca das ideias de William Morris e dos acontecimentos históricos que as envolviam (quase como a história social de um intelectual), além da relação que elas assumiam com o ideário socialista desenvolvido por Morris anos mais tarde²⁶.

Já a segunda publicação, lançada no ano de 1963 em três volumes, *A Formação da Classe Operária Inglesa*, foi (e, em larga medida, segue sendo até os dias atuais) sua contribuição mais representativa do ponto de vista das proposições teóricas e metodológicas. O livro opunha-se abertamente às considerações de certa historiografia econômica capaz de alijar das suas hipóteses os sujeitos que encarnam, vivenciam e experimentam em suas peles as condições materiais de existência. Aqui, o conceito de “experiência”²⁷ surge enquanto uma instância de abertura ao universo cultural, em que os sujeitos não são apenas subjugados pelas estruturas de dominação, mas resistem a essas forças, e eventualmente dobram-nas, com base em seus costumes, hábitos e práticas, tornando-se personagens ativos e reativos diante dos acontecimentos, não apenas suas vítimas preferenciais.

O terceiro livro, lançado em 1978, mas nutrido e alimentado pelos debates dos anos precedentes no âmbito das tendências teóricas da reflexão marxista, consistia em um longo ensaio de expressivo teor irônico, em que Thompson responde, e até mesmo satiriza, as considerações do filósofo francês Louis Althusser a respeito da escrita da história. Desde o título, *A Miséria*

²⁶ THOMPSON, Edward Palmer. *William Morris: Romantic to revolutionary*. Stanford: Stanford University Press, 1988. p. 817.

²⁷ THOMPSON, Edward Palmer. *A formação da classe operária inglesa*. 8. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2017. v. 1, p. 14.

da Teoria, ou Um Planetário de Erros²⁸, que, provocativamente, fazia menção à clássica (e também irônica) crítica de Karl Marx endereçada a Pierre Proudhon, chamada *A Miséria da Filosofia* (publicada em 1847), Thompson manifesta seu completo desacordo com o escopo estruturalista do marxismo promovido pelo filósofo francês. Novamente, pode-se afirmar que o centro da polêmica travada entre o historiador-professor inglês e o filósofo francês reside na questão da agência dos sujeitos históricos, dado que o arcabouço conceitual e crítico desenhado por Althusser parece relegar o ser humano a uma posição passiva diante do devir histórico.

Em 1976, quando foi chamado a prefaciar uma reedição de *William Morris*, dessa vez em uma editora acadêmica, por conta do impacto que a obra causou no ambiente universitário, ao qual Thompson nutria significativa dose de suspeição²⁹ (julgava a academia ensimesmada, apartada do debate público³⁰), ressaltou a concepção do livro enquanto uma peça endereçada para a educação de adultos. O fragmento a seguir permite constatar que a audiência que dialogou com o autor, e que entreteceu a narrativa da obra, foi o público de alunos que atendiam às aulas de História e Literatura no Departamento de Estudos Extramuros. Nas palavras do historiador-professor:

A primeira edição deste livro teve uma história mista. Eu o escrevi em um estado de espírito combativo, a partir de uma posição de forte compromisso político dirigindo-me ao público do movimento pela educação de adultos, e de movimentos políticos da esquerda, em vez de uma audiência mais acadêmico. Não é surpreendente que tenha caído em silêncio acadêmico.³¹

²⁸ THOMPSON, Edward Palmer. *A miséria da teoria, ou um planetário de erros*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1981.

²⁹ Segundo Marcelo Badaró Mattos: “No fim da década de 1960, inserido na Universidade, fez a crítica da crescente subordinação daquela instituição ao controle empresarial, bem como denunciou a espionagem política dos intelectuais pelas administrações universitárias” (MATTOS, Marcelo Badaró. *História e projeto social: a origem militante do debate sobre classes e luta de classes em E. P. Thompson*. In: COLÓQUIO INTERNACIONAL MARX E ENGELS, 7., 2012, Campinas. Campinas: Unicamp, 2012. p. 3).

³⁰ THOMPSON, Edward Palmer. Reflexões sobre Jacoby e tudo mais. *História e Perspectiva*, Uberlândia, n. 55, 2016.

³¹ “The first edition of this book had a mixed history. I wrote it in an embattled mood, from a position of strong political commitment, addressing an audience in the adult education movement and in the political movements of the Left rather than a more academic public. It is not surprising that it dropped into an academic silence” (THOMPSON, Edward Palmer. *William Morris: Romantic to revolutionary*. Stanford: Stanford University Press, 1988. p. 817).

Este mesmo diálogo com o movimento pela educação de adultos que marcou a publicação de 1955 também atuou fortemente na elaboração do livro que veio a lançar em 1963. Eric Hobsbawm não hesitou em categorizá-lo como “o mais influente livro de história oriundo do radicalismo anglo-saxão dos anos 60 e 70”, escrito por ninguém menos que “um professor da área de educação popular praticamente desconhecido fora dos estreitos círculos da velha e da nova esquerdas”³². Bryan Palmer foi mais longe e chegou a apontar a própria estruturação narrativa do texto como uma montagem didática confeccionada com base nas aulas sobre a história e literatura inglesa:

Isso posto, foi precisamente porque “A Formação [da Classe Operária Inglesa]” foi concebido e desenvolvido enquanto Thompson lecionava na educação para adultos que o livro foi estruturado de maneira tão peculiar. Thompson estava ávido para entrar em diálogo com a cultura autodidata da classe trabalhadora que ele encontrara em suas aulas, e ele indubitavelmente moldou a introdução de seu estudo sobre formação da classe de forma a aproximar-se da arraigada experiência intelectual e política da audiência de trabalhadores que ele encontrou em seu peripatético magistério em Yorkshire.³³

Também, o próprio E. P. Thompson declara:

Não era um livro escrito para um público acadêmico. Meu trabalho durante anos foi o de tutor em educação de adultos, dando aulas no turno da noite para trabalhadores, sindicalistas, gente de setores administrativos, professores etc. Esse público estava presente junto ao público de esquerda, do movimento operário e da Nova Esquerda. Pensava nesse tipo de leitor quando escrevia o livro, algo evidente por conta de minha atitude bastante irreverente com as convenções acadêmicas.³⁴

Finalmente, já em 1978, na polêmica travada contra Althusser, a questão educacional insinuava-se de maneira mais tangencial, porém não menos significativa. Posto que o centro da controvérsia residia na temática da agência e da experiência dos sujeitos históricos, enquanto instâncias

³² HOBBSBAWN, Eric. E. P. Thompson. In: THOMPSON, Edward Palmer. *As peculiaridades dos ingleses e outros artigos*. Campinas: Editora da UNICAMP, 2003. p. 15.

³³ PALMER, Bryan. A História enquanto debate: a análise contestadora de “A Formação da Classe Operária Inglesa”. *Revista Mundos do Trabalho*, Florianópolis, v. 5, n. 10, p. 13-35, 2013. p. 18.

³⁴ THOMPSON, Edward Palmer. Entrevista a Michael Merrill. *História e Perspectivas*, Uberlândia, n. 55, 2016. p. 419.

imprescindíveis do ponto de vista da análise efetuada pelo historiador, estas mesmas conclusões poderiam ser aplicadas para a prática do professor. Em outras palavras, se, para Thompson, os sujeitos que interessam ao historiador eram dotados da capacidade de agência e percepção a respeito de sua experiência, também os sujeitos que interessam ao professor — os estudantes — são dotados dessas mesmas capacidades. O autor estabelece esse argumento nos seguintes termos:

Toda educação que faz jus a esse nome envolve a relação de mutualidade, uma dialética, e nenhum educador que se preze pensa no material a seu dispor como uma turma de passivos recipientes de educação. Mas, na educação liberal de adultos, nenhum mestre provavelmente sobreviverá a uma aula - e nenhuma turma provavelmente continuará no curso com ele - se ele pensar, erradamente, que a turma desempenha um papel passivo. O que é diferente acerca do estudante adulto é a experiência que ele traz para a relação. A experiência modifica, às vezes de maneira sutil e às vezes mais radicalmente, todo o processo educacional; influencia os métodos de ensino, a seleção e o aperfeiçoamento dos mestres e o currículo, podendo até mesmo revelar pontos fracos ou omissões nas disciplinas acadêmicas tradicionais e levar à elaboração de novas áreas de estudo. Minha própria disciplina, história social, fornece abundantes exemplos disso.³⁵

À guisa de conclusão, fica evidente, portanto, a compatibilidade entre o projeto historiográfico e educacional propostos por Thompson. Ambos primam e prezam pela ênfase na agência e experiência dos sujeitos aos quais elas estão destinadas. Esta coesão entre história e ensino-aprendizagem, na reflexão thompsoniana, não nasce necessariamente de um pensamento sistematizado e dedicado a ambas as práticas separadamente, mas surge da experiência do próprio autor enquanto historiador e professor, simultaneamente. Reconsiderar as principais obras teóricas e metodológicas de E. P. Thompson a partir desse prisma, observando-o não apenas como historiador, mas também enquanto professor de história, permite uma reavaliação expressiva do legado transmitido por esses escritos até os dias atuais. Novamente, segundo Marcelo Badaró Mattos:

[...] muitas das principais contribuições conceituais do consagrado historiador para o debate sobre classes sociais e luta de classes, especialmente aquelas que vieram à tona com a publicação de sua

³⁵ THOMPSON, Edward Palmer. Educação e experiência. In: THOMPSON, Edward Palmer. *Os românticos: A Inglaterra na era revolucionária*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002. p. 13.

obra mais conhecida (A formação da classe operária inglesa), como a valorização da noção de experiência, ou a ênfase na "agência" dos sujeitos históricos, foram formuladas anteriormente à publicação daquela obra, em meio ao debate político militante sobre as questões contemporâneas dos anos 1950-60, ou em inextrincável diálogo com ele.³⁶

Conclusão

Após percorrer, resumidamente, os principais traços biográficos, teóricos e metodológicos de E. P. Thompson, entre os anos de sua formação intelectual e aqueles em que atuou continuamente como professor, destaca-se uma insuficiência na fortuna crítica dedicada ao autor, que desconsidera os efeitos historiográficos de sua prática educacional e os efeitos educacionais de sua prática historiográfica. A simultaneidade que ambas as atuações profissionais têm é relevante não apenas por serem síncronas, mas por expressarem uma compatibilidade mútua, que se dá na experiência e vivência cotidiana do autor. Em suas próprias palavras, retiradas de um relatório anual entregue às instâncias burocráticas do Departamento de Estudos Extramuros:

No geral, o tutor acredita que aprendeu tanto quanto ensinou [...] e, apesar de alguns erros iniciais, a turma aprendeu a trabalhar no espírito tão desejável da WEA [Workers Educational Association - Associação Educacional dos Trabalhadores] - não como tutor e audiência passiva, mas como um grupo que combina vários talentos e reúne diferentes conhecimentos e experiências para um objetivo comum.³⁷

Estas conclusões não estão longe daquela tese promovida por Ilmar Mattos, de que tanto o professor quanto o historiador, seja em uma sala de aula ou em um livro de história, são autores de hipóteses historiográficas igualmente válidas do ponto de vista do conhecimento histórico. Em suas palavras:

³⁶ MATTOS, Marcelo Badaró. História e projeto social: a origem militante do debate sobre classes e luta de classes em E. P. Thompson. In: COLÓQUIO INTERNACIONAL MARX E ENGELS, 7., 2012, Campinas. Campinas: Unicamp, 2012. p. 1.

³⁷ "Altogether, the tutor believes he has learnt as much as he has imparted [...] and in spite of some initial mistakes, the class has learnt to work in the spirit so desirable in the WEA [Workers' Educational Association] - not as tutor and passive audience, but as a group combining various talents and pooling differing knowledge and experience for a common end" (SEARBY, Peter; RULE, John; MALCOMLSON, Robert. Edward Thompson as a teacher: Yorkshire and Warwick. In: RULE, John; MALCOMLSON, Robert (ed.). *Protest and survival: Essays for E. P. Thompson*. Londres: The Merlin Press, 1993. p. 14).

A aula de história como texto é criação individual e coletiva a um só tempo; criação sempre em curso, que permanentemente renova um objeto de ensino em decorrência de novas leituras, de outras experiências vividas, da chegada de novos alunos, dos encontros acadêmicos e das conversas com os colegas de ofício, do surgimento de novos manuais didáticos, das decisões emanadas das instâncias educacionais e das questões, dos desafios e das expectativas geradas pelo movimento do mundo no qual vivemos, em sua dimensão local ou global. Mas o seu renovar permanente é sobretudo o resultado da prática cotidiana do ensino-aprendizagem de nossa disciplina; e porque o professor de história disto tem consciência é que se torna possível a aula como texto.³⁸

E. P. Thompson foi um grande historiador do século XX? Evidentemente. "Mas não somente assim!"³⁹.

Referências Bibliográficas

CORFIELD, Penelope J. Dorothy Thompson and the Thompsonian Projec. In: EIGHTH HISTORICAL MATERIALISM ANNUAL CONFERENCE, 2011, Londres. *Trabalhos apresentados* [...]. Londres: School of African and Oriental Studies, University of London, 2011.

CROFT, Andy. Walthamstow, Little Gidding and Middlesbrough: Edward Thompson the Literature Tutor. In: TAYLOR, Richard (ed.). *Beyond the walls: 50 years of adult and continuing education at the University of Leeds, 1946-1996*. Leeds: The University of Leeds, 1996. p.

GOODWAY, David. E. P. Thompson and the Making of the English Working Class. In: TAYLOR, Richard (ed.). *Beyond the walls: 50 years of adult and continuing education at the University of Leeds, 1946-1996*. Leeds: The University of Leeds, 1996. p.

HAMILTON, Scott. *The crisis of theory: E. P. Thompson, the New Left and post war british politics*. Manchester: Manchester University Press, 2011.

HOBSBAWN, Eric. E. P. Thompson. In: THOMPSON, Edward Palmer. *As peculiaridades dos ingleses e outros artigos*. Campinas: Editora da UNICAMP, 2003.

HOBSBAWM, Eric. Obituary: E. P. Thompson. *The Independent*, [s.l.], 1993.

³⁸ MATTOS, Ilmar Rohloff de. "Mas não somente assim!": Leitores, autores, aulas como texto e o ensino-aprendizagem de História. *Tempo*, Niterói, v. 11, n. 21, p. 14, 2007.

³⁹ MATTOS, Ilmar Rohloff de. "Mas não somente assim!": Leitores, autores, aulas como texto e o ensino-aprendizagem de História. *Tempo*, Niterói, v. 11, n. 21, p. 5-16, 2007.

MATTOS, Ilmar Rohloff de. "Mas não somente assim!": Leitores, autores, aulas como texto e o ensino-aprendizagem de História. *Tempo*, Niterói, v. 11, n. 21, p. 5-16, 2007.

MATTOS, Marcelo Badaró. E. P. Thompson no Brasil. *Revista Outubro*, São Paulo, n. 14, p. 83-110, 2006.

MATTOS, Marcelo Badaró. História e projeto social: a origem militante do debate sobre classes e luta de classes em E. P. Thompson. In: COLÓQUIO INTERNACIONAL MARX E ENGELS, 7., 2012, Campinas. Campinas: Unicamp, 2012.

PALMER, Bryan. A História enquanto debate: a análise contestadora de "A Formação da Classe Operária Inglesa". *Revista Mundos do Trabalho*, Florianópolis, v. 5, n. 10, p. 13-35, 2013.

PALMER, Bryan. Obituary / Nécrologie: Homage to Edward Thompson, part I. *Labour / Le Travail: Journal of Canadian labour studies / Revue d'études ouvrières canadiennes*, Athabasca, v. 32, p. 11-71, 1993.

PUREZA, Fernando. A história vista desde baixo. *Jacobina*, São Paulo, 28 out. 2020. Disponível em: <https://jacobin.com.br/2020/08/a-historia-vista-desde-baixo/>. Acesso em: 19 dez. 2024.

SEARBY, Peter; RULE, John; MALCOMLSON, Robert. "Edward Thompson as a teacher: Yorkshire and Warwick". In: RULE, John; MALCOMLSON, Robert (ed.). *Protest and survival: Essays for E. P. Thompson*. Londres: The Merlin Press, 1993.

SHARPE, Jim. A história vista de baixo. In: BURKE, Peter (org.). *A escrita da história*. Tradução de Magda Lopes. São Paulo: Editora UNESP, 1992. p.

THOMPSON, Edward Palmer. *A formação da classe operária inglesa*. 8. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2017. v. 1.

THOMPSON, Edward Palmer. A história vista de baixo. In: THOMPSON, Edward Palmer. *As peculiaridades dos ingleses e outros artigos*. Campinas: Editora da UNICAMP, 2003. p.

THOMPSON, Edward Palmer. *A miséria da teoria, ou um planetário de erros*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1981.

THOMPSON, Edward Palmer. *Collected poems*. Hexham: Bloodaxe Books, 1999.

THOMPSON, Edward Palmer. *E. P. Thompson: panfletário antifascista*. Tradução de João Ernani Furtado Filho. Fortaleza: Plebeu Gabinete de Leitura, 2019.

THOMPSON, Edward Palmer. "Educação e experiência". In: THOMPSON, Edward Palmer. *Os românticos: A Inglaterra na era revolucionária*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002. p.

THOMPSON, Edward Palmer. Entrevista a Michael Merrill. *História e Perspectivas*, Uberlândia, n. 55, 2016.

THOMPSON, Edward Palmer. Reflexões sobre Jacoby e tudo mais. *História e Perspectiva*, Uberlândia, n. 55, 2016.

THOMPSON, Edward Palmer. "Through the smoke of Budapest". *The New Reasoner*, [s.l.], n. 3, 1956.

THOMPSON, Edward Palmer. *William Morris: Romantic to revolutionary*. London: Lawrence & Wishart, 1955.

THOMPSON, Edward Palmer. *William Morris: Romantic to revolutionary*. Stanford: Stanford University Press, 1988.

TRAVERSO, Enzo. O século de Hobsbawm. *Revista Movimento*, [s.l.], 2017.